

coleção
reconstruir

SONIA RODRIGUES

A GAROTA DOS SEUS SONHOS E O CARA QUASE PERFEITO

Reconstrução livre do mito
A Caixa de Pandora



Ilustração
SANDRA BIANCHI

Conforme a nova ortografia

Formato

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rodrigues, Sonia

A garota dos seus sonhos e o cara quase perfeito /
Sonia Rodrigues ; ilustração Sandra Bianchi. – São
Paulo : Formato Editorial, 2004. – (coleção Reconstruir)

"Reconstrução livre do mito, A caixa de Pandora"

ISBN 978-85-7208-417-8

1. Literatura infantojuvenil I. Bianchi,
Sandra. II. Título. III. Série.

04-5551

CDD-028.5

A GAROTA DOS SEUS SONHOS E O
A CARA QUASE PERFEITO /
A CAIXA DE PANDORA

Coleção **Reconstruir**

Texto © 2004 SONIA RODRIGUES

Ilustração © 2004 SANDRA BIANCHI

FORMATO EDITORIAL

Diretoria Editorial

SONIA JUNQUEIRA

Editoria de Arte

NORMA SOFIA

Assistência Editorial

ESTER RIZZO

JAKELINE LINS

LUCAS SANTOS JUNQUEIRA

Secretaria Editorial

FLÁVIA ARAÚJO

Editoração Eletrônica

MÁRCIO RIBEIRO (coord.)

BRUNO MARTINS

Preparação de Texto

SHIRLEY GOMES

Revisão Final

SÔNIA MÁRCIA CORRÊA

Direitos reservados à

SARAIVA Educação Ltda.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: (0XX11) 4003-3061

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem o
consentimento por escrito da editora.

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

1ª edição

7ª tiragem, 2017

CL 810962

CAE 576966

SUMÁRIO

O HOMEM FELIZ	5
A TERRA TREME	26
AS RAZÕES OCULTAS DE CADA UM	67
DEPOIS DO DILÚVIO	88
CARTA AO LEITOR	101

Existe grande beleza na verdade, mesmo quando ela é aterrorizadora. Os contadores de histórias sentados nos patamares das cidades torcem a realidade para que a história se apresente mais bonita aos ouvintes preguiçosos, estúpidos e fracos. Isso consegue apenas aumentar-lhes a preguiça, a estupidez e a fraqueza, e não lhes ensina nada, não soluciona coisa nenhuma e nem dá experiência às almas.

O pai de Lee para o filho em *A Leste do Éden*, de John Steinbeck

Para os povos primitivos, o mito é a verdade.

Mito e Realidade, Mircea Eliade

Para minha filha Júlia, que aprendeu cedo o valor da escolha.
Para meu tio-avô Francisco Camejo, que me ensinou a importância de preservar a descendência e proteger o futuro.

O HOMEM FELIZ



A Irmã era conhecida por sua competência e severidade no cumprimento das regras do hospital. Por isso, a estagiária estranhou quando ela acorreu para receber com um sorriso o visitante.

Aquele não era o horário de visitas na Unidade de Tratamento Intensivo. Mas, naquele momento, Irmã Maria de Jesus não se incomodava com esse detalhe. Providenciou um traje esterilizado para que o homem vestisse por cima do *smoking* e ainda o ajudou a colocar as mangas e a calçar as botas cirúrgicas por cima dos sapatos.

“Eu queria que as outras irmãs vissem essa cena”, pensou a freirinha, sabendo que jamais teria coragem de contar para ninguém o que estava acontecendo porque seria mandada embora de imediato, depois de ouvir um longo e torturante sermão sobre a perversidade da intriga.

O homem era bonito, parecia ter uns quarenta anos, e, com a voz num tom baixo e rouco, falava carinhoso com a velha enfermeira, – observava a estagiária, mantendo os olhos baixos, com a curiosidade roendo-a por dentro.

A Irmã o levou para dentro de um quarto onde um velho agonizava rodeado de aparelhos e saiu logo depois,

deixando o paciente e o visitante a sós. Outra infração ao regulamento. Naquele hospital, ninguém ficava sozinho com pacientes à beira da morte. Se pudesse, a estagiária se tornaria invisível e entraria no quarto para escutar a conversa. Mas não soube o que os dois conversaram, nem por quanto tempo, pois a Irmã Maria de Jesus a mandou, com a sua habitual aspezeza, fazer uma tarefa qualquer em outro andar.

No quarto, o homem de *smoking* escutava, sombrio, as últimas palavras do seu velho mestre. Eram previsões apocalípticas demais, ele gostaria de não acreditar nelas, mas sentia ser impossível. Tudo o que aprendera na vida, desde a juventude, devia ao velho. Nunca tivera a oportunidade de vê-lo errar nos seus diagnósticos. Científicos ou pessoais.

– Os norte-americanos querem que você vá trabalhar com eles por causa da pesquisa sobre o *anthrax*. Eles sabem que você foi meu assistente a vida toda – falava o velho aos arrancos; o enfisema fizera o estrago inicial, o câncer estava liquidando-o.

– Eles dizem que é para desenvolver defesas para a eventualidade de as velhas doenças renascerem – tentou tranquilizá-lo Nicodemos. – É um projeto preventivo, uma precaução contra possíveis chantagens terroristas.

– Mentira! Querem desenvolver a prevenção em defesa própria e querem estar preparados para usar a doença como arma. Lembre-se de Hiroshima, da guerra fria. Eles continuam no Vietnã.

– Perdendo, professor. Não vão demorar a sair – Nicodemos tomou nas suas as mãos geladas do outro. – Em breve, serão derrotados no sudeste asiático. Nós ainda vamos comemorar.

– Continuam dominando toda a América – o velho pareceu não ouvir o que ele acabara de dizer. – Estão apoiando os golpes de estado, nós seremos os próximos. No máximo em um mês as tropas estarão nas ruas. Poderão obrigar você a colaborar com eles.

– Não se preocupe, eu não sou político. Nunca me interessei por partidos, de oposição ou governo. Não tenho lâminas de doenças extintas nem interesse em ir para os Estados Unidos. É impossível me chantagearem – afirmou Nicodemos.

– Eu tenho, meu filho – desta vez foi o velho que agarrou suas mãos. – Tenho as culturas que podem, se espalhadas, envenenar o sangue, a carne, o cérebro de quem entrar em contato com elas. Estão bem armazenadas numa caixa blindada, a Irmã sabe onde, mas preciso entregá-las para alguém. Eu não passo desta noite. E a democracia em nosso país não dura nem quinze dias.

Nicodemos Guatierrez ouviu chocado essa confidência. Então o velho conseguira! Concretizara a pesquisa de uma vida inteira e se tornara o único possuidor de um tesouro horrível, que poderia ser a base de pesquisa de muitas gerações. Uma herança perigosa se seu prognóstico sobre a situação do país se confirmasse. Mesmo não querendo se envolver em política, era impossível não saber o que os grupos paramilitares andavam fazendo há meses. Se seus mentores tomassem o poder, bastaria confinar a oposição num bairro qualquer, num estádio, num clube, e abrir a caixa num reservatório de água. Não queria nem pensar nessa hipótese.

– Professor, essa caixa tem de sair do país imediatamente. Talvez a solução seja entregá-la para um organismo internacional – propôs Nicodemos.

– Organizações internacionais são colegiados financiados pelas nações mais fortes. Eu sei, você sabe. Não, Nicodemos, talvez daqui a dez, vinte anos, possamos desenvolver a pesquisa sobre a cura. Hoje, precisamos é manter em segurança essa pesquisa.

– O que eu posso fazer, professor? O senhor sabe que farei o que for preciso – disse Nicodemos, conferindo preocupado os gráficos dos aparelhos do velho professor que confirmavam seu fim próximo. Provavelmente, só a importância do que estava falando ainda o mantivesse vivo.

– A caixa precisa sair do país. Junto com você. Ser levada para longe antes que a ditadura se instale. Ninguém pode saber do plano – o velho tomou fôlego. – Como você está de mulheres?

– O senhor sabe, depois que a mãe de Lorena morreu, eu me dedico a criar minha filha. Ela é toda minha família – respondeu Nicodemos sem saber aonde o outro queria chegar.

– Bobagem. Até as pedras sabem que você adora mulheres e coleciona namoradas. A atual é daqui? Entende alguma coisa de pesquisa?

– Não. Para as duas perguntas. É advogada, muito inteligente, trabalha para uma grande empresa com sede no exterior, mas nos vemos com bastante frequência.

– Ótimo. Isso facilita a sua saída. Não existe nada que o prenda aqui.

Nicodemos poderia argumentar que gostava da praia, dos amigos, do seu laboratório na universidade, da equipe. Ou que a filha, Lorena, sentiria falta dos coleguinhas de escola, do ambiente em que se criara. Sabia, porém, que o que estava em jogo era muito mais importante do que qualquer comodidade pessoal.

E dava razão ao velho mestre, o risco de uma ditadura era iminente e o uso indevido das lâminas seria fatal.

– Eu o farei, professor. Prometo que protegerei sua pesquisa – assegurou Nicodemos, apertando a mão frágil e envelhecida sobre a coberta.

No restante da noite, a estagiária correu feito uma barata tonta para cumprir com suas obrigações. No final do plantão, quando voltou, encontrou Irmã Maria de Jesus preparando o corpo. O velho havia morrido, e ela nunca soube sequer o nome do visitante. Não soube também que antes que retornasse à Unidade de Terapia Intensiva, a velha Irmã entregara ao visitante uma maleta escura que estivera depositada numa geladeira do necrotério desde o dia em que o velho cientista chegara ao hospital. Havia muita coisa que a estagiária ignorava. Ela e o mundo.

Era o final do verão de 1967. No aeroporto acanhado de um pequeno país no Caribe, uma comitiva oficial esperava a chegada do avião que traria um importante passageiro. Apesar do calor, os homens vestiam terno e gravata por imaginarem ser o mais adequado ao importante convidado que aguardavam. O comitê que recepcionaria o famoso cientista fora cuidadosamente discutido durante dias, e dele faziam parte o governador da província, o reitor da universidade, o diretor da imigração, um representante do presidente da República. A única mulher do grupo era a tímida e eficiente doutora Mercedes Anquises, chefe do Departamento de Biologia, cujo papel seria decisivo e surpreendente para os acontecimentos futuros. Todos estavam

presentes para demonstrar o quanto o país se sentia honrado pelo fato de o doutor Nicodemos Guatierrez ter aceitado montar o Departamento de Biotecnologia da Universidade Nacional.

Ciente da importância da missão, o grupo se adiantou até a ponta do tapete vermelho, estendido quando o avião finalmente aterrissou e os procedimentos de descida terminaram. A aeromoça e o comandante apareceram no alto da escada, acompanhando um grupo de três pessoas. Riam muito como se estivessem de folga e se divertindo bastante, o que pareceu estranho aos que esperavam. Mais estranho ainda eram os recém-chegados. Uma mulher alta, loura, muito elegante, trazia pela mão uma menina entre seus dez, onze anos, cabelos castanhos dourados, magra, longas pernas finas num vestido estampado que parecia largo demais para o seu corpo. Um homem se adiantou, estendendo a mão para que descessem a escada.

As autoridades presentes se entreolharam. Ninguém mais desceu do avião, então Nicodemos Guatierrez só podia ser aquele homem, porque o aparelho se deslocara num voo de seis horas unicamente para buscar o cientista e sua família. O homem que se despedia da tripulação, com grandes abraços e beijos na aeromoça, era quem esperavam, apesar da bermuda que mostrava as pernas bronzeadas de sol, da camisa de cor berrante, dos óculos escuros, dos cabelos grisalhos revoltos e do sorriso travesso que em nada combinavam com a ideia que tinham dele.

Ali estava o famoso Nicodemos Guatierrez, disputado por vários países como um dos mais promissores cientistas de sua geração, o que recusara o convite do gigante do Norte e decidira ajudar o progresso científico de Natividad.

